

ESTRUTURALISMO E SOCIOLOGIA

Soraya Farias Aquino¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
(soraya@cefetam.edu.br)

RESUMO

Este artigo pretende discutir os debates desenvolvidos em torno das questões relacionadas ao objetivo / subjetivo como pressuposto teórico nos estudos das Ciências Humanas, assim como analisar o papel do estruturalismo enquanto método de pesquisa para as Ciências Sociais, ressaltando o papel de Pierre Bourdieu, responsável por uma importante revisão do estruturalismo empregado na Sociologia.

Palavras-Chave: Estruturalismo. Ciências Humanas. Ciências Sociais. Método.

ABSTRACT

This article intends to discuss the debates developed around the questions related to the objective / subjective as theoretical presuppositions in the studies of Human Sciences, as well as analyze the role of structuralism as a search method for the Social Sciences, highlighting the role of Pierre Bourdieu, responsible for an important revision of the structuralism applied in Sociology.

Keywords: Structuralism. Social Sciences. Humans Sciences. Method.

¹Professora do IFAM e Mestranda do Programa de Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas.

INTRODUÇÃO

Em seu desenvolvimento, as Ciências Humanas tiveram enorme dificuldade para serem aceitas como ciência. O fato se dá pela especificidade de seu objeto de estudo - o homem, que pela sua complexidade torna difícil um estudo objetivamente proposto, como faz as Ciências da Natureza. Considerar a subjetividade humana é crucial para a compreensão desse homem. Mas como fazê-lo, sem perder a cientificidade?

Este trabalho se propõe a levantar a trajetória das discussões realizadas em torno da importância de se considerar além das ações objetivas, também a subjetividade humana, como fator chave para os estudos sobre o homem e a busca por um método que se aproxime ao máximo de sua compreensão.

1. AS CIÊNCIAS HUMANAS E O RECONHECIMENTO DA SUBJETIVIDADE

As Ciências Humanas sempre tiveram uma ligação muito forte com a Filosofia. A grande dificuldade encontrava-se em como reconhecê-las como ciências independentes e autônomas. O forte debate travado desde o início de seu desenvolvimento estabeleceu questões importantes que deram um novo rumo à busca de sua consolidação. Foi no pós-guerra que o debate se fortaleceu e permitiu uma retomada de seus fundamentos, com os estudos realizados por Sartre e Merleau-Ponty sobre o papel e a finalidade de ciências como a História, a Sociologia e a Antropologia. A busca aqui se dava em reencontrar a compreensão unitária do homem. Por ser uma jovem ciência, a Antropologia passa ser vista então como uma forma de humanismo renovado e cheia de possibilidades. A questão central – o homem – precisava ser repensada e para isso era necessário rever o pressuposto cartesiano que estabelecia uma dualidade entre sujeito e objeto.

Outra questão colocada era a possibilidade de objetividade nessas ciências. O criticismo kantiano ainda muito forte dificultava ainda mais essa possibilidade, ao estabelecer um olhar

inquisidor sobre toda afirmação da razão humana. A saída era fugir desse criticismo, e a partir daí foi travado um longo debate em busca de resolver questões ligadas às relações natureza/cultura, modernidade, subjetividade. Para isso, fazia-se necessário repensar a experiência em sua forma não percebida. A subjetividade humana passou a ser pensada dentro do fazer etnográfico, ao se acreditar que na respostas às críticas kantianas estava a afirmação de que “o homem é um fenômeno para o homem”. Aqui se encontrava explícita toda a possibilidade de subjetividade humana.

Para Sartre, o homem encontra-se só e produz-se a si mesmo dentro desta solidão. Mas é livre para fazer suas escolhas. Parte da subjetividade e afirma que a existência precede a essência, pois a realidade só existe a partir da ação. Demonstra uma certa negatividade com relação ao que é dado, mas se mostra positivo com relação às possibilidades, ao vir a ser:

... sobre a base de condições dadas, as relações diretas entre as pessoas dependem de outras relações singulares e estas de outras ainda, e assim por diante, que há coação objetiva nas relações concretas; não é a presença dos outros mas sua ausência que funda esta coação, não é sua união, mas sua separação. Para nós, a realidade do objeto coletivo repousa na recorrência; ela manifesta que a totalização nunca está terminada e que a totalidade não existe, no melhor dos casos, senão a título de totalidade destotalizada. (SARTRE, 1984, p. 145).

Para ele o homem é um projeto não acabado, e ao relacionar existência e transcendência, o homem busca a superação de si mesmo e de sua própria natureza. Pensa a existência do homem em sua relação com a estrutura e a história, pois o ser está condicionado à sua própria existência. Mas é possível a construção de uma ciência ao mesmo tempo estrutural e histórica? É possível encontrar a compreensão unitária do homem? São esses os questionamentos que ele se faz e este posicionamento nos permite compreender a sua luta em afirmar que só os homens são os res-

ponsáveis e criadores dos seus próprios valores, tendo seu projeto enquanto ação humana, uma dimensão existencial. O subjetivo faz parte do processo de objetividade, pois,

...Para se tornarem condições reais da práxis, as condições materiais que governam as relações humanas devem ser vividas na particularidade das situações particulares (...) Assim, o subjetivo retém em si o objetivo que ele nega e que supera em direção a uma objetividade nova; e esta nova objetividade, na sua qualidade de objetivação, exterioriza e interioridade do projeto como subjetividade objetivada... (SARTE, 1984, p. 154).

Em seus questionamentos, Merleau-Ponty também afirma que a objetivação da ciência torna o comportamento humano um objeto que só pode ser explicado por causas exteriores, o que o torna um mero fenômeno. Na visão cartesiana, a dualidade entre sujeito e objeto é marcante. Sujeito e objeto são “um do outro”, com uma materialidade extensa e uma interioridade de idéias, imagens e sensações inextensa. Ao conservar apenas o objetivo e reduzir o subjetivo, as Ciências Humanas desenraizam seus próprios fundamentos. Dessa forma, a questão é: como entender que, de acordo com a experiência ingênua, seja através dessas estruturas que o mundo se apresenta ao sujeito? A partir daí, tenta formular uma descrição das propriedades do mundo que justifique as pretensões da experiência perceptiva.

Ainda em suas observações Merleau-Ponty, aponta Marcel Mauss como aquele que percebeu a possibilidade de um estudo das sociedades que ia além do fato como “coisa”, como tinha pretendido Durkheim. Em seu Ensaio sobre o dom, ele ultrapassa todas as perspectivas dessa abordagem, permitindo um caminho ainda não pensado, ao considerar os diversos valores simbólicos presentes nos indivíduos e nos grupos. Dessa maneira ele transpôs a barreira do que era apenas coletivo, permitindo também um olhar para o individual dentro de uma totalidade, ape-

sar de não ter conseguido ir mais além. De qualquer forma, teve uma importante participação no que diz respeito a pensar o social e seus fenômenos. Para Merleau-Ponty, esse passo a mais significou um grande salto no estudo da sociedade e de suas possibilidades, permitindo uma nova maneira de perceber os fenômenos sociais: “A nova concepção vai denominar estrutura à maneira como a troca está organizada em um setor da sociedade ou na sociedade inteira. Os fatos sociais não são coisas nem idéias: são estruturas...” (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 195). Esse conjunto do todo social que se apresenta como verdadeiros sistemas, forma em sua interação a própria sociedade. Ou seja, a sociedade é a estrutura das estruturas sociais, mantendo-se em sua diversidade e se mostrando como partes que se complementam entre si.

Lévi-Strauss também percebe em Mauss um “kantismo latente” e redefine o fenômeno social total pela inclusão de seu observador, dando uma opção ao criticismo. Para ele a capacidade de aceder ao simbolismo precede o social – assim, ele libera a escola durkheimiana das representações coletivas. A experiência precisava ser legitimada e “a troca e o fenômeno social total” ofereciam a possibilidade “de identificar um processo de subjetivação que a inteligência etnográfica deveria levar a seu ponto de elucidação...” (IMBERT, 2004, p.214). Põe em jogo as capacidades inconscientes comuns, mostra que a expressão acompanha a percepção e que o simbolismo precede à troca. Dessa forma, percebe que a experiência kantiana que havia dessacralizado o mundo passava por uma transformação, e era este o momento de permitir a sua qualificação, pois, “para conhecer o homem, é preciso desfazê-lo, quer dizer, reabrir-lhe as possibilidades, e o processo de alienação e de subjetivação que está no coração de todo conhecimento filosófico...” (op. cit. 2004, p.214). Assim, conclui que a prova do social encontra-se no mental.

Também distingue história e etnologia partindo do princípio de que a primeira se organiza em torno das expressões conscientes e a segunda das condições inconscientes. E, para chegar

à estrutura inconsciente, propõe uma aproximação entre o método etnológico e o método lingüístico. Mas, se há oposição entre história e etnologia, porque não haver também distinção entre etnologia e etnografia? O problema é: em que condição se pode estabelecer generalizações? A resposta se encontra no fato de que a estrutura permite estabelecer esta ponte entre o particular e o geral sem criar generalizações definitivas.

2. O ESTRUTURALISMO

É neste contexto de construções e desconstruções que nasce um projeto de universalidade, ao ser feita uma proposta que apreende o homem na totalidade inteligível de suas estruturas. Merleau-Ponty, ainda na década de 60, parte da visão de Sartre² como elemento de análise da noção de estrutura. Para ele, a estrutura não pode ser usada como limitadora, posto que elas não fazem a história. Sua função deve ser a de compreender as relações sociais, estabelecendo uma compreensão entre o pesquisador e o que é pesquisado. A estrutura significa assim, a possibilidade de compreensão, são abstrações que não podem limitar o conhecimento social à sua própria noção. Ela permite um diálogo entre as sociedades, pois pressupõe a transcendência buscada pela fenomenologia, e se encontra no indivíduo e na coletividade – é preciso perceber, entender e compreender o que se passa em cada situação.

Nas Ciências Sociais, o estruturalismo encontra-se na base das relações sociais a que pertencem os diversos grupos humanos. Funciona assim como um sistema em que todas as partes interferem no todo e em seus resultados. Desta forma, apesar de não ser necessariamente ob-

servado concretamente, permite que as observações sejam realizadas pelas ações ou fenômenos socialmente estabelecidos pelos grupos, que não se apresentam de forma única, mas em geral é multifacetada.

São estas diferenças, e a busca pelas semelhanças e analogias que darão a base para a compreensão de cada formação social. O estabelecimento de uma visão dialética entre a dinâmica social e a ordem estrutural, entretanto, faz-se fundamental para se evitar uma visão a-histórica das interações sociais.

Apesar de seu desenvolvimento ter se dado no campo da linguística no início do século XX, suas raízes podem ser buscadas ainda no século XIX com Marx, de acordo com alguns estudiosos. Assim, as noções do estruturalismo podem ser encontradas nos clássicos da sociologia: em Marx ao definir a compreensão da sociedade dividida em classes e suas inter-relações; em Weber na noção de posição ocupada pelos indivíduos, posição esta que é socialmente determinada; em Durkheim ao entender que a tarefa da sociologia era explicar a ação das estruturas sociais sobre os comportamentos individuais; na visão de Louis Althusser, Marcel Mauss, Claude Lévi-Strauss e Merleau-Ponty e Pierre Bourdieu, entre outros. O Estruturalismo pode ser citado como um fenômeno eminentemente francês, tendo dentro das ciências sociais sua importância atribuída principalmente a Lévi-Strauss que buscou um estudo sincrônico das estruturas e de seus sentidos nas ações.

O estruturalismo busca a explicação do real pela estrutura que o mantém e que se apresenta de forma não explícita, envolta em uma subjetividade que não pode ser descartada. Expõe uma luta constante com o dualismo cartesiano que se encontra presente até os dias de hoje na visão dual existente entre teoria e prática, objetivo e subjetivo, ação e representação. Sua proposta é a de superar esta dualidade, buscando um olhar diferenciado sobre as ações humanas. Mas, ao partir da idéia de que o com-

²Ao relacionar existência e transcendência, o que requer a superação de si mesmo e de sua própria natureza, concluiu que a consciência não é algo que se encontra no interior – ela está no mundo. (SARTRE, Questão de método, 1984).

portamento humano é determinado por estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais, etc., se afastou do real, perdeu sua dimensão temporal, sua historicidade, provocando críticas e as propostas de sua revisão.

3. O ESTRUTURALISMO CONSTRUTIVISTA DE PIERRE BOURDIEU

Como parâmetro do método estrutural dentro das ciências sociais e especialmente na sociologia, encontramos Pierre Bourdieu. Sua maior preocupação encontrava-se em construir problemas realmente sociológicos em detrimento dos chamados “problemas sociais”. Para isso era necessária uma ruptura com a “sociologia espontânea”, que seria realizada com a construção de um método de análise que atendesse a essa necessidade. Esse método pressupunha uma forma de pensamento estrutural, que segundo ele, era a resposta para algumas visões redutoras presentes em propostas anteriores realizadas no estudo das sociedades.

Dentro da complexidade do mundo social, existem relações de forças e relações simbólicas que se estabelecem como estruturas de reprodução. E é o conjunto de ações e reações da vida social que conserva ou transforma essas estruturas. Existem no mundo social, as estruturas objetivas que são coercitivas, e as representações. Essas estruturas são construídas socialmente como ações e pensamentos, o qual ele denominou habitus. O habitus é caracterizado como

... sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência às regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 1989, p. 27)

É a partir do conceito de habitus que

Bourdieu constrói todo seu referencial teórico em busca de um método de investigação que atenda ao mesmo tempo a necessidade de legitimação científica e de compreensão do homem em sua totalidade histórica.

Ao tentar fugir da dicotomia objetividade/subjetividade, também criticou a separação entre teoria e prática, pois percebeu nesses elementos uma ação dialética indissociável. Manteve um diálogo com o estruturalismo ao afirmar que os agentes sociais incorporam a estrutura social e nela produzem, legitimam e reproduzem essas mesmas estruturas. Para ele,

... a vida social, a vida do mundo social, não é outra coisa senão o conjunto das ações e das reações tendentes a conservar ou a transformar a estrutura, ou seja, a distribuição dos poderes que a cada momento determina as forças e as estratégias utilizadas na luta pela transformação ou conservação e, em consequência, as possibilidades que essas lutas têm de transformar ou de perpetuar a estrutura. (BOURDIEU, 1983, p. 40).

Ou seja, existem estruturas objetivas que direcionam à ação e à representação, mas estas estruturas são constantemente construídas e reconstruídas socialmente, posto que elas são um produto das lutas ocorridas em um dado momento histórico. Estabeleceu assim o que ele chamou de estruturalismo construtivista, em busca da recuperação das práticas humanas, das concepções dos indivíduos e de suas condições objetivas.

Em sua construção teórica também desenvolveu a noção de campo como um espaço de conflitos e luta pelo poder, estabelecendo dessa forma uma lei geral do universo social, considerando que este campo de forças que é ao mesmo tempo um campo de lutas por sua transformação, encontra-se presente em todos os âmbitos da vida social. Aqui se relacionam as noções de habitus e campo, onde o primeiro representa a prática social incorporada e o segundo, o espaço onde esta prática se insere. Para ele

...A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial de suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista... (1989, p. 27)

A reprodução na estrutura do campo se apresenta como um dos fatores mais importantes de compreensão sobre os seus estudos, por presumir a distribuição do poder que divide a sociedade entre dominados e dominantes. Mas estas estruturas são o resultado de práticas que o habitus produz e reproduz. Entretanto, essas práticas não são mecânicas, mas sim, “o produto de uma relação dialética entre uma situação e um habitus”. Ou seja, é o habitus que mantém a regularidade, unidade e sistematicidade ao grupo. (1983, p. 65-67).

Ao relacionar habitus e campos sociais, infere que as práticas agem como um habitus incorporado que direcionam à ação ou inércia com relação a um determinado campo social. É aqui que ele nos remete ao conceito de violência simbólica, ou seja, as ações são baseadas em uma obrigatoriedade que legitima o habitus, pois o conflito social não é apenas econômico, é também simbólico, e esta violência se dá pela aceitação dos princípios de percepção, classificação e hierarquização dos dominantes pelos dominados. A sociologia deve tornar visíveis estas relações de dominação.

A prática, portanto, é “o produto da relação dialética entre uma situação e um habitus”, porque o habitus produz práticas que tendem a reproduzir seu princípio gerador de acordo com as possibilidades objetivamente dispostas. Estas práticas somente podem ser explicadas pelas estruturas objetivas que as produziram e, portanto são históricas. O habitus assim, é a história feita natureza, ao relacionar comportamentos, estruturas e condicionamentos sociais.

O habitus produz práticas individuais inseridas em uma conjuntura, e ao se configurar “na relação dialética entre as disposições e o acontecimento”, torna possível sua transformação em ações coletivas. Essas ações, de acordo com as condições, podem gerar mudanças nas estruturas sociais, posto que são essas estruturas, produtos das ações humanas. A oposição estrutura / indivíduo é um dos principais responsáveis pela dificuldade de uma relação dialética entre as estruturas e as suas possibilidades de mudanças. Essa relação dialética não pode ser ignorada, assim como não pode ser ignorada as relações entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, a estrutura e os indivíduos, por serem estas também práticas históricas.

Ao trabalhar os principais conceitos que fundamentam seu método, Pierre Bourdieu propõe o uso do conhecimento praxiológico como forma de compreensão da realidade social. Ele congrega o uso da objetividade com uma visão dialética das estruturas sociais através da interiorização da exterioridade, o habitus e da exteriorização da interioridade, representada pela noção de campo, pressupondo a construção de um conhecimento que não se prenda apenas ao observado, mas que também considere o princípio gerador dessa prática, ao considerar as condições de possibilidade do mundo social. Mas isso também se faz necessário para escapar às amarras da estrutura e para que não se caia no erro determinista. Para tanto, ele propõe o trabalho de construção de uma teoria da prática, que é a “condição da construção de uma ciência experimental da dialética da interioridade e da exterioridade” (op. cit. 1983, p. 60)³. Nessa perspectiva, ele prevê que o objetivismo metodológico, necessário para a validação científica, pressupõe sua própria superação.

³O que ele define como interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade, na relação entre habitus e campo social, já citado.

A preocupação do pesquisador, por outro lado, deve ser o de construir um objeto socialmente importante, ou seja, transformar objetos aparentemente insignificantes em objetos verdadeiramente científicos, utilizando método, técnicas e práticas adequadas. Também ajuda muito construir os espaços sociais a partir de uma sistemática organização das unidades sociais a serem analisadas, com um sistema coerente de relações, usando para isso o raciocínio analógico para descobrir as particularidades do objeto e o método comparativo para as estruturas de campos diferentes, tendo o cuidado de evidenciar as estruturas objetivas e subjetivas.

Objetivar os esquemas de senso prático para torná-lo científico é outro encaminhamento para “evitar que se trate como instrumento de conhecimento aquilo que deveria ser objeto de conhecimento”, assim como “evitar a submissão aos hábitos do pensamento” que podem conduzir à ingenuidade na expressão das idéias. Entretanto, deve-se englobar ao mesmo tempo, modelos resultantes da ingenuidade inicial e da verdade objetiva, produzindo assim um “novo olhar sociológico”. (BOURDIEU, 1989, p. 43-49).

Bourdieu também insiste na necessidade de se pensar relacionalmente, combinando teoria e metodologia em busca do concreto, pois,

...as opções técnicas mais “empíricas” são inseparáveis das opções mais “teóricas” de construção do objeto. É em função de uma certa construção do objeto que tal método de amostragem, tal técnica de recolha ou de análise dos dados, etc. se impõe. Mais precisamente, é somente em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico qualquer pode funcionar como prova ou, como dizem os anglo-saxônicos, como evidence... (BOURDIEU, 1989, p. 24)

Este pensar relacionalmente permite uma visão de totalidade onde o estabelecimento de um objeto encontra-se em relação com um todo homogêneo que o estrutura, mas que ao mesmo

tempo permite a aproximação entre o concreto e suas abstrações. Tudo isso sem se fechar no que ele chamou de “monoteísmo metodológico”, mas tendo sempre o cuidado em estar vigilante com a utilização das técnicas. Essa análise relacional pressupõe a prevenção contra o retorno ao pré-construído, que em outras palavras seriam as “pré-noções” durkheimianas. Isso se torna fundamental para uma investigação realmente científica, de maneira a evitar as interferências de nossas próprias concepções em torno do que é analisado. E mais, para fugir do senso comum é preciso exercitar a dúvida radical e buscar os instrumentos de construção da realidade social, com a finalidade de compreender essa realidade, mas mantendo sempre a reflexão científica, como forma de evitar que as aparências tomem forma de cientificidade.

Evitar os excessos empiristas é outra orientação importante, pois utilizando a prática como possibilidade de construção de um modelo que responda às questões colocadas e que possibilite generalizações, sobra tempo para a construção de modelos teóricos mais significativos.

Já no que se refere à objetivação participante, este é o exercício que permite que a objetivação do objeto ocorra a contento, pois,

... o trabalho de objetivação incide (...) sobre um objeto muito particular, em que se acham inscritas, implicitamente, algumas das mais poderosas determinantes sociais dos próprios princípios da apreensão de qualquer objeto possível: por um lado, os interesses específicos associados à pertença ao campo universitário e à ocupação de uma posição particular nesse campo; e, por outro lado, as categorias socialmente constituídas da percepção do mundo universitário e do mundo social... (BOURDIEU, 1989, p. 51).

Este é um ponto importante a ser considerado, pois, o interesse pelo objeto a ser pesquisado pode trazer interferências prejudiciais às pesquisas sociológicas, assim como a qualquer trabalho que mereça uma análise mais científica.

Para concluir, observamos que Pierre Bourdieu demonstrou uma preocupação em compreender a complexidade das relações sociais dentro de suas contradições, propondo um método que reuniu concepções consideradas a princípio divergentes, ao conciliar as idéias de Marx, Weber e Durkheim, criando o que ele mesmo chamou de uma “Sociologia reflexiva”, capaz de entender a sociedade em sua totalidade e pensar cientificamente as questões sociológicas de nosso tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar cientificamente, dentro das exigências socialmente determinadas não é fácil. Isso fica muito claro, quando observamos que na construção e desenvolvimento de uma ciência, muitos são os embates. Nesse caso, não existem ganhadores ou perdedores, o que existe é a imensa vontade em querer acertar, ainda por cima quando levamos em consideração o momento histórico que o produz. Mas fazer ciência é isso, ainda mais quando estamos lidando com questões relacionadas ao fazer humano. Todo processo de construção de um conhecimento é válido, e todas as discussões valem a pena quando se tem um objetivo em comum. E depois, em ciência não existe o pronto e acabado e sim, como diria Sartre, um eterno “vir a ser...”.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Trabalhos e projetos [1980], Esboço de uma teoria da prática [1972] e O campo científico [1976]*. In: ORTIZ, R. (org.). Pierre Bourdieu. Trad. Paula Monteiro e Alícia Ausmendi. São Paulo: Ática, 1983 (Col. Grandes Cientistas Sociais).

_____. *Introdução à uma sociologia reflexiva*. In: BOURDIEU, P. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 1989 (Memória e Sociedade).

IMBERT, Claude. *Filosofia, antropologia: o fim de um mal entendido*. Trad. Nelson de Matos Noronha. SOMANLU, Revista de Estudos Amazônicos, Ano 3, n.1/2, jan./dez. 2003, Manaus: EDUA, 2004, pp. 203-224.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *De Mauss a Claude Lévi-Strauss (1960): Exame das implicações epistemológicas e ontológicas da antropologia*. In: Textos escolhidos / Maurice Merleau-Ponty. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Traduções e notas de Marilena de Souza Chauí [et al].

_____. *Textos escolhidos / Maurice Merleau-Ponty*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Traduções e notas de Marilena de Souza Chauí [et al].

SARTRE, Jean Paul. *Questão de método*. In: SARTRE, Jean Paul Sartre. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Fortes e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1984.

_____. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método/ Jean Paul Sartre*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Fortes e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1984.